

ROMANISMO ONTEM E HOJE

Visão Inicial

Este trabalho pretende mostrar as mudanças periféricas do romanismo, a partir do Vaticano II, para efeitos catequéticos, conservando intacta a velha essência tridentina.

I- INTRODUÇÃO

Alguns protestantes e muitos evangélicos impressionam-se com a “re Cristianização bibliocêntrica” e a socialização do catolicismo: uso litúrgico da Bíblia; coadjuvação laica no culto clerical e sacramental; coadunação missionária à metodologia reformada e evangélica; opção pelos pobres e pelos “direitos humanos”; emprego de “pastorais” diversas, específicas e circunstanciais para conquistar os vários seguimentos sociais; eliminação da iconolatria para manutenção da idolatria crassa; apoio papal ao movimento carismático romanista; metamorfose de atitudes externas e adaptação de linguagem nos meios de maior densidade protestante, preservando os antigos métodos nas áreas de dominação romana.

O romanismo quer deixar-nos a impressão de que está mudado e mudando-se por aparentes “aproximações” aos reformados e aos neopentecostais. Não se iludam, irmãos, a Igreja romana possui vocação anfíbia para adaptar-se e capacidade ofídica para trocar de pele sem mudar a natureza.

II- O RADICALISMO

A Reforma, feita para reformar a Igreja (entenda: catolicismo), transformou-se, pelo radicalismo de ambas as partes, em divisão da igreja dominante, resultando em polarizações doutrinárias irreconciliáveis e em antipatias recíprocas inapagáveis a médio prazo. O catolicismo radicaliza-se na Contra Reforma e na dogmatização do clericalismo, do papismo e do marianismo. A tradição e as encíclicas papais passam a ter a mesma autoridade das Escrituras. Livros apócrifos tornam-se canônicos por decisão do radicalíssimo Concílio de Trento. As indulgências são reafirmadas. A Missa, criação e doação da Hóstia, que já era “Oferta Propiciatória”, recebe ênfase maior. O mito da Imaculada Conceição de Maria passa a ser dogma de fé (1854). O Papa transforma-se em infalível, quando fala da cátedra de Pedro em assuntos de fé e de moral (1870). A “lenda” da assunção de Maria é transformada em realidade dogmática, imposta como artigo de fé (1950). A Igreja de Roma confirma e consolida sua velha pretensão de ser e permanecer “mãe e mestra de todos os povos”. A mão pesada e cruel da Contra-reforma foi, e continua sendo, o jesuitismo; o Brasil que o diga. As Igrejas Protestantes não podem esquecer a Noite de São Bartolomeu (França, 24 de agosto de 1572, sob o Papa Gregório XIII); apagar as ardentíssimas chamas da “Santa Inquisição”, especialmente as de Torquemada. Os reformados brasileiros não devem perder de vista o cadafalso de Jacques le Balleur cujo sangue conspulsou o hábito sacerdotal de José de Anchieta. Na

consciência presbiteriana permanece a casuística e mimética figura do jesuíta Leonel Franca. Fragiliza-se e se entrega o povo que elimina suas raízes e apaga suas memórias. Não nos esqueçamos de que o Deus de nosso credo e de nossa fé, revelado nas Escrituras, é o mesmo de nossos pais. Colhemos hoje o que nossos antepassados plantaram ontem e com muitos sofrimentos.

O protestantismo, por outro lado, passou a ser visto, em todo mundo, como “movimento herético anticatólico”. Este não aceitou a pecha de herético, mas, em consequência, assumiu e colocou em prática o anti-romanismo. A pregação das Escrituras era sempre vinculada ao princípio apologético do anticatolicismo. A conversão de um católico, especialmente a de um padre, tinha-se por mais extraordinário fato que a de um ateu. Em nossa terra, o combate à idolatria e às heresias do culto afro-brasileiro e do espiritismo não teve a mesma atenção e o mesmo enfoque que o dado à verberação anti-romana e à execração do seu idolatrismo. Hoje, graças a Deus, o quadro está mudando. Pregamos as Escrituras e, no exercício da pregação, combatemos o pecado sem discriminação de seus praticantes. A mesma Bíblia que recrimina a idolatria católica, também doutrina contra a iconolatria e “mantilatria” “evangélicas”: água benta, objetos abençoados, procedimentos mágicos de maniação do Demônio, mapeamento de sítios satânicos, quebras de maldições adquiridas ou hereditárias.

III. ROMANISMO IMUTÁVEL

Igreja Católica Apostólica Romana. Neste título, e segundo a dogmática romana, as palavras significam:

Igreja: **única e verdadeira**, mãe e mestra dos povos, responsável pelo conhecimento da revelação bíblica e instrumento de novas revelações, conforme a “vontade de Deus”, por meio do ministério eclesiástico centralizado no clero. A essência da Igreja é o seu magistério clerical. Transcrevo aqui um texto eclesiolátrico e magisteriolátrico de Frei Boaventura Kloppenburg: “Quando rezamos “Credo Ecclesiam”(Creio na Igreja(Parênteses nossos), fazemos um ato de fé numa virtude interna, sobrenatural e divina, que se esconde sob os sinais sacramentais e a organização externa e hierárquica, mas sempre operante e sem a qual a essência da Igreja se reduziria a uma simples sociedade externa e humana, nada mais. Do mesmo modo podemos também rezar “credo Magisterium”: creio o Magistério, não apenas no Magistério. Pois a própria missão e o poder de ensinar é também objeto de fé. Como na Igreja, há também no Magistério Eclesiástico uma virtude interna, sobrenatural e divina, que se esconde atrás das atividades humanas dos depositários do múnus e do poder de ensinar, mas sempre presente e operante e sem a qual a natureza deste Magistério se reduziria a uma simples e falível autoridade humana, nada mais”(Concílio Vaticano II, Vol. II, pág. 12. Ed. Vozes. Petrópolis, RJ). Sem comentários.

Católica: **poder e domínio mundiais da Igreja**, enfeixando e enquadrando não somente todas as raças e civilizações, mas também, e principalmente, mediando entre o Salvador e os pecadores, mesmo aqueles professantes de outros credos, inclusive não cristãos.

Apostólica: **sucessora dos apóstolos**. O clero mantém, no pensamento romanista, intacta a sucessão apostólica, sendo o Papa sucessor de Pedro, dono das chaves do reino, e os demais clérigos, sucessores dos apóstolos. Um pronunciamento Papal, “legítimo

represente de Pedro”, portanto, é “mensagem apostólica” e como tal deve ser aceita e crida. O “apostolismo” romano sombreja fortemente a autoridade escriturística, pois a “palavra final” é do “apóstolo de Roma”, não das Escrituras.

Romana: herdeira e continuadora da Igreja Primitiva de Roma e do poder dominador do império romano. O atual romanismo, com o Rei-Papa, que ostenta a tríplice coroa: a do império territorial do Vaticano; a de mentor político do mundo, um tipo de rei dos reis; a de dominação espiritual sobre todas as almas do orbe terrestre, foi uma concessão de Carlos Magno(Natal de 800 d.C.). Todos os reis, posteriormente, para se manterem no poder, tinham de beijar a mão do Papa. Hoje, numa aparente inversão de valores, ele sai beijando o solo de vários domínios mundiais, que outrora se curvaram aos seus pés. A preservação do atual papado e do Estado do Vaticano deve-se ao suspeitíssimo Tratado de Latrão(1929), às concordatas com o fascismo italiano(1929), às concessões do nazismo alemão(1933).

O romanismo, essencialmente, permanece o mesmo. É a velha mulher, madrasta dos povos, com roupagem nova, estilo contextualizado para fins catequéticos. Usurpa a metodologia protestante de evangelização; copia os seus hinos; imita a sua liturgia; torna-se “biblicista”, mas com extrema cautela para evitar a “livre interpretação” ou a “influência evangélica” na hermenêutica dos textos sagrados. Os padres, devidamente orientados por seus superiores hierárquicos, procuram manter a Bíblia como “atrativo catequético” com o objetivo de “fechar a boca” dos evangélicos. O romanismo conserva, aprofunda e justifica a eclesiocracia, a eucaristolatria, a mariolatria e a santolatria. Espertamente mantém sob controle a iconolatria geral, mas reforça as locais: Aparecida, Penha, Senhor do Bom Fim... Além da mediação mariolátrica e santolátrica, o “Sinal da Cruz”, repetido em todas as missas, rezas e ladaínhas, tem poderes protetores e mediatários: “Pelo Sinal da Santa Cruz, livrai-nos Deus, Nosso Senhor, dos nossos inimigos, em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém”.

No campo doutrinário e eclesiológico a Santa Sé acolhe, protege e estimula, sob a direção do Sumo Pontífice, grupos e correntes divergentes, mas necessários à sustentação do poderio religioso, econômico e político do Vaticano: Dominicanos, franciscanos, beneditinos, jesuítas; liberais, ortodoxos moderados, ortodoxos radicais, carismáticos. O Papa, em sua penúltima visita ao Brasil, chamou os filhos e pais-de-santo de Salvador, Bahia, de **irmãos**, admitindo-os como filhos da grande mãe, a Igreja. Ao romanismo pouco interessa a qualidade, mas a quantidade, pois do volume de fiéis lhe vêm o poder de fogo nas reivindicações políticas e a engorda de seus tesouros sacros.

IV- **MUTABILIDADE DA ESTRATÉGIA CATEQUÉTICA.**

O Vaticano II não se reuniu para mudanças nas bases teológicas do catolicismo, mas para:

- a- Enfraquecer o ímpeto missionário do protestantismo e do evangelismo.
- b- Impedir o avanço do anticatolicismo, emergente nas áreas culturais e políticas, somando forças ao movimento reformado, então dinâmico, penetrante e atualizador.
- c- Trazer de volta os “irmãos separados”. Unidade por adesão ao romanismo, não por confraternização das famílias cristãs.
- d- Recuperar os fiéis que se esfriaram, tendo contatos com a igreja apenas no nascimento, no casamento, no batizado dos filhos e no falecimento de familiares.

A melhor demonstração de que o Vaticano II não pretendia modificar nada e nem reformar os seus antigos dogmas, é o discurso de abertura, feito pelo Papa João XXIII (Vaticano, 11-10-1962), confessando, reafirmando e recomendando todos os dogmas tradicionais do romanismo, especialmente os de Trento, incluindo o dogma do purgatório, atualmente abafado pelo clero “progressista” por conveniência catequística (Ver Anibal Reis em “O Ecumenismo”, páginas 64 e 65).

Nas circunstâncias favoráveis, e não havendo risco de “descrédito”, a loba de Roma, filha adotiva dos erários públicos, mostra seus afiados dentes aos inimigos com a mesma ferocidade dos antigos tempos inquisitoriais, escondendo-os, porém, dos cordeiros domésticos. Não perdeu a habilidade do ocultamento estratégico. Fareja a vítima com a sagacidade canina; captura-a com a mão do estado; condena-a pelo arbítrio da justiça secular; aprisiona-a nos cárceres estatais; fere-a com a espada pública. Quando, porém, é descoberta por trás da perseguição e da intolerância como manipuladora oculta, esquiva-se, foge, nega, transfere a “responsabilidade” para o poder estatal. Um exemplo atualíssimo: o Prefeito de Aparecida do Norte, senhor Antônio Márcio de Siqueira, sancionou uma lei do Executivo Municipal, aprovada pela Câmara, proibindo a instalação de trabalho evangélico num raio de seis quilômetros da Basílica da Senhora Aparecida. E o padre José Bertânia, relações públicas da catedral, com a mais romanista desfaçatez, diz desconhecer a popularíssima lei, famigerada por sua inconstitucionalidade e propósitos discriminatórios, e não ter conhecimento de conflitos entre católicos e evangélicos. Este fato recente serve para desmascarar o romanismo, velho lobo camuflado de ovelha. Onde o romanismo predomina, a intolerância instala-se impiedosamente. Quem quiser, pois, conhecer o verdadeiro catolicismo brasileiro deve conviver com ele em sua “capital mariolátrica”, Aparecida do Norte. Que o digam os irmãos evangélicos de lá, discriminados e perseguidos (Leiam na Revista VINDE de outubro de 1996, ano 1, nº 12: “Uma lei em defesa da Santa”). O catolicíssimo prefeito, certamente se estribou nos maus exemplos do executivo e do legislativo nacionais dos tempos da ditadura militar quando, para conquistar a simpatia do clero, impuseram ao país o feriado religioso obrigatório, o “Dia da Aparecida” (Lei nº 6.802 de 1980). É a mão do poder público nacional a serviço de Roma, transformando o **romanismo em religião oficial dos brasileiros**. E não estamos falando de coisas do passado, mas de hoje, que atingem a nossa geração. Roma continua a mesma; quando lhe convém, muda os métodos de ação para lhe dar mais eficiência de ataque e garantia de domínio territorial.

V- O PAPISTO DO VATICANO II.

Para que não se tenha dúvida sobre o seu papolatrismo, transcrevemos aqui um trecho impressionante de Frei Koppenburg, teólogo conciliar, narrando a “solenidade de obediência ao Papa” durante as cerimônias de abertura do conclave: “O Santo Padre paramentou-se pontificalmente para o supremo exercício de sua autoridade. Teve, então, lugar a cerimônia de obediência dos Padres Conciliares. Todos os Cardeais e Patriarcas beijam a mão do Santo Padre. A seguir, dois Arcebispos e dois Bispos, representantes de todos os presentes, beijam o joelho direito do Sumo Pontífice. Finalmente, dois Abades e dois Superiores Gerais de Ordens religiosas, prostrando-se diante do trono papal, beijam o pé direito do Santo Padre” (Concílio Vaticano II, Vol. II, Edit. Vozes LTDA, Petrópolis, RJ, Cap. I: A Solene Abertura, pág. 34).

O Papa, como “Vigário de Cristo” possui, segundo o romanismo, o carisma da infalibilidade, quando se pronuncia em assunto de fé e de moral. Os concílios, porém, não são infalíveis. Portanto, o Sumo Pontífice supera-os em autoridade, sendo a sua palavra conclusiva, final e irrevogável. A infalibilidade não admite revogabilidade.

O papismo recrudescceu e popularizou-se com o atual Papa. Vittorio Messori, na redação de uma pergunta que fez a João Paulo II, antes de concluí-la, aduz: “O chefe da Igreja Católica é definido pela fé como: “Vigário de Jesus Cristo”. Ou seja, é considerado o homem que na terra representa o Filho de Deus, que “faz as vezes” da Segunda Pessoa da Santíssima Trindade. Isto é o que afirma cada Papa de si mesmo. E os católicos acreditam nisto e, por isso o chamam Santidade”(Cruzando o Limiar da Esperança, por sua Santidade João Paulo II, Ed. Francisco Alves, 2ª Ed. Cap. “Papa, Um Escândalo e um Mistério” pág. 27). João Paulo II, depois de muitos sofismas jesuíticos acompanhados de textos bíblicos, responde: “De resto, não só o Papa vem investido deste título(Vigário de Cristo). Todo Bispo é *Vicarius Christi* diante da Igreja que lhe foi confiada. O Papa o é diante da Igreja romana e, mediante esta, perante toda igreja em comunhão com ela”(João Paulo II, obra citada, pág. 34). Aqui, relacionar-se com a Igreja de Roma significa, conforme entende “Sua Santidade”, submeter-se ao Papa, o “único e lítimo representante de Cristo na terra”. O bispo leva o leigo à Igreja romana, centro soteriológico exclusivo; o Papa leva a Igreja a Deus, na qualidade de “representante de Cristo na terra”.

VI- **SEMINA VERBI**

O Vaticano II manteve a velha doutrina da Igreja romana de única agência redentora: Fora da Igreja não há salvação. Porém, para efeito catequético e universalização do papismo, ampliou-se tal dogma para: Não há salvação à parte da mediação sacerdotal de Roma. Qualquer pessoa de qualquer credo, cristão e não cristão, que se salvar, salva-se por meio do ministério sacerdotal intercessor de Roma, pois somente ele recebeu de Deus o *múnus intercessor e mediatário*. Portanto, direta ou indiretamente, consciente ou inconscientemente, todos os povos estão sob a *misericórdia vicariante do Sumo Pontífice romano*. Deus trata com o mundo na pessoa do Papa. Mas, para recepção da *bênção da Igreja romana mediante o apostolado papal*, Deus colocou no coração de todos os povos de quaisquer credos “sementes do Verbo”(*Semina Verbi*), isto é, princípios morais, espirituais e piedosos evangélicos que são verdadeiras obras do Espírito Santo em suas consciências e, desta maneira, são mediados sacerdotalmente por Roma. Sobre isso, ouçamos o *infalível* João Paulo II: “Pouco adiante o Concílio recorda que “a Igreja nada rejeita do que há de verdadeiro e santo nessas religiões”. “Refletem lampejos daquela Verdade que ilumina todos os homens”. “As palavras do Concílio se reportam à convicção, há muito tempo radicada na tradição, da existência das assim chamadas *semina Verbi*(sementes do Verbo), presentes em todas as religiões”. “Em outra passagem, o Concílio vai dizer que o Espírito Santo opera eficazmente também fora do organismo visível da Igreja(cf. LG 13). Atua justamente a partir dessas *semina Verbi*, que constituem como que *uma raiz soteriológica comum a todas as religiões*”(João Paulo II em o “Cruzando o Limiar da Esperança”, obra citada, páginas 87, 88). O universo espiritualmente se dobra, conforme os pressupostos papistas, aos pés do Sumo Pontífice de Roma, que pretende ser na terra, como representante de Cristo, *o caminho, a verdade e a vida; ninguém vai ao Pai, senão pelo Papa*.

VII- **MARIOLATRIA**

VII.1- **Mariolatria papal.** O atual Papa assumiu o pontificado sob o lema *Totus tuus*, “todo de Maria”, segundo Vitório Messori: “**Totus Tuus**, Todo de Maria, é o lema escolhido pelo seu pontificado”. E ele confirma a sua fé mariolátrica por meio de uma declaração impressionantemente dialética: “Num primeiro momento achei que devia afastar-me da devoção mariana da infância, em favor do cristocentrismo. Graças a São Luiz Grignon de Montfort compreendi que a verdadeira *devoção à Mãe de Deus é, ao contrário, cristocêntrica, aliás é radicada muito profundamente no Mistério trinitário de Deus*” (Cruzando o Limiar da Esperança, obra citada, página 195). Observem que o *cristocentrismo* do papa realiza-se por meio do “*mariocentrismo*”. O culto a Maria mediadora e aos seus diversos ícones foi fixado dogmaticamente pela Vaticano II no capítulo VII da Lumen Gentium, o texto mariológico do catolicismo moderno. Sobre ele o Papa João Paulo II diz: ”Quando participei do Concílio, *reconheci-me neste capítulo*”(Cruzando o Limiar da Esperança, página 196).

O Papa já ocupa o lugar, na terra, da Segunda Pessoa da Trindade. Estamos caminhando para a elevação de Maria à quarta pessoa trinitária. **Papolatria e mariolatria**, eis o binômio, cada vez mais acentuado, do romanismo contemporâneo

VII.2- **Divinização de Maria.** A Maria do dogma não é verdadeiramente humana: não participou do pecado da raça, não pecou, não sofreu as naturais e dolorosas conseqüências ginecológicas do parto, continuou virgem. Jesus possuía dupla natureza: a humana e a divina. Ela, uma só, a humana. Como todos os seres humanos, veio ao mundo por fecundação natural: o encontro das sementes masculina e feminina. Cristo é *divino-humano*; Maria é exclusivamente *humana*, porta normal, humanamente autêntica e representativa, pela qual o Filho de Deus encarnou-se. A Maria católica, divinizada, desqualifica a encarnação.

A mariologia tem produzido e mantido dogmas inconcebíveis. Os dois maiores e fundamentais são:

01-O da “**Imaculada Conceição**”, dogmatizando que Maria foi concebida sem pecado original e, por via de conseqüência, isenta de pecados atuais. Eis o texto dogmático: “Depois de ter implorado a proteção de toda a corte celestial e após ter invocado, de joelhos, o Espírito Santo, o Paráclito, sob sua inspiração e para honra e glória da Trindade invisível, pronunciamos, declaramos e definimos, pela autoridade de nosso Senhor Jesus Cristo e dos bem-aventurados apóstolos Pedro e Paulo, e por nossa própria autoridade, que a doutrina que refere ter sido a bendita Virgem Maria, desde o primeiro instante de sua concepção, e por uma graça e privilégio especiais do Todo Poderoso Deus, e em atenção aos méritos de Jesus Cristo, o Salvador da humanidade, preservada livre de toda mácula do pecado original, foi revelada por Deus e deve ser, portanto, crida e firmemente sustentada por todos os fiéis”(Pio IX, Bula Ineffabilis Deus, 8/12/ 1854, segundo Schaff, David, Nossa Crença e a de Nossos Pais, pág. 407, 2ª Ed., 1964, Imprensa Metodista, SP).

02- O da “**Assunção de Maria**”, decretada por Pio XII, em 01/11/1950: “Por isso, depois de ter elevado súplicas e orações a Deus, invocando a luz do Espírito da verdade, para a glória do Deus onipotente, que alargou a sua particular benevolência a Maria Virgem para honra de seu Filho, imortal rei dos séculos e vencedor do pecado e da morte, para maior glória da mesma augusta mãe e para a alegria e exaltação de toda a Igreja, pela autoridade dos benditos apóstolos Pedro e Paulo, e pela nossa, proclamamos, decretamos,

e definimos ser *dogma divinamente revelado*(*itálico nosso*), que a Imaculada Deipara, sempre Virgem Maria, completo o curso de sua vida terrena, foi assunta em corpo e alma à glória celeste. Pela qual razão se alguém, que Deus não permita, ousar voluntariamente, negar ou por em dúvida o que nós definimos, saiba que será decaído da fé divina e católica”(O Catolicismo Romano, ASTE, 1962, pág. 118: artigo de Sumia Takatsu).

Maria, conforme entendem os mariólogos, não merecia a morte, que é o “salário do pecado”, pois ela nasceu sem pecado e não pecou no curso da existência. Em decorrência de sua santidade e dignidade ela é, no sentido mais pleno e verdadeiro, “Mãe de Deus” (Theotokos). O decreto da “assunção” foi consequência natural do dogma da “Conceição”. O romanismo, depois da Reforma, tornou-se, e o processo continua, indiscutivelmente mariocêntrico. Ela tem sido, por um lado, elevada à condição de padroeira de inumeráveis nações e, por outro lado, “faz a sua parte” por meio de aparições miraculosas: *Nossa Senhora de Lourdes*, aparecida a uma adolescente analfabeta de 14 anos, Bernardete Soubiroux; *Nossa Senhora de Guadalupe*, aparecida a um índio mexicano, João Diogo em 1531; *Nossa Senhora de Fátima*, aparecida a três crianças, Lúcia, Francisco e Jacinta em Fátima, Portugal, 13 de maio de 1917; *Nossa Senhora Aparecida*. Esta “**resolveu**” manifestar-se em forma icônica. Com a palavra o ex-padre Aníbal, citando um professor seu, aparecidófilo: “Certa ocasião, o governador da Capitania de São Paulo, Conde de Assumar, em viagem para Minas Gerais, pernitoou em Guaratinguetá, no norte de nosso Estado. Então, a Câmara local decidiu oferecer-lhe um banquete com uma grande variedade de pratos à base de peixe. À ordem dada pela Câmara, os três pescadores, Domingos Martins Garcia, João Alves e Felipe Pedroso, foram ao Rio Paraíba, em cuja margem direita se localiza a cidade de Guaratinguetá. Principiaram as suas tentativas de pesca no Porto de José Corrêa Leite, descendo até o Porto de Itaguassu, onde João Alves, ao lançar a rede, colheu, entre alguns peixes, o corpo de uma imagem, sem cabeça. E, ao repetir a operação mais abaixo, estupefacto, verificou, envolta nos fios da tarrafa, a cabeça da estátua”(Aníbal Pereira dos Reis, “ A Senhora Aparecida”, 10ª Ed., Ed. Caminho de Damasco, 1975, pág. 8). Tal “aparição se deu em outubro de 1717. Aníbal Reis diz ser o milagre aparecídico”, a “pesca” de uma imagem de terra cota de 30 cm de altura, pura armação do Pe. José Alves Vilela(Idem).

Há, e não apenas havia, para cada país, cada estado, cada município, cada cidade, e até para cada indivíduo devoto, uma “Nossa Senhora”. Vejam que nada mudou. O que era continua. Nenhum dogma sofreu qualquer alteração. Continuam vivos: a papolatria, a mariolatria, a idolatria de “santos” e anjos, a iconolatria das imagens, a hóstiatria, a crucilatria, a rosáriolatria. Inventaram agora, e com muito aceitação dos carismáticos mariólatras, o “*Terço da Libertação*”, relação de testemunhos de libertação de *Jesus por Maria*, da Editora Raboni. O vaso mudou de forma, mas o barro e os oleiros são os mesmos. A nova Igreja romana é a velha bem maquilada e convenientemente vestida pelos eficientíssimos modistas romanos. Com seu antigo jeito de ser, mas apresentada como “renovada” e “progressista”, tem enganado a muitos, mas não a todos.

Devoção mariolátrica. A semântica romana distingue e separa o que a devoção real confunde, funde e iguala. Dizem que adoram a Deus com o culto de *latría*, oferta de sacrifícios ao Pai, especialmente por meio da Missa. Resulta daí que o culto eucarístico é latrêutico por natureza. *Dulia*, serviço, culto prestado aos santos, iconificado ou não. *Hiperdulia*, culto prestado à Virgem, prostração servil, superservidão, submissão

incondicional. Tal distinção teórica não se verifica na prática. Observem a proeminência de Maria na seguinte

Ladainha de Nossa Senhora:

Kyrie eleison:	Senhor, tende piedade de nós.
Christe eleison:	Cristo, tende piedade de nós.
Kyrie eleison:	Senhor, tende piedade de nós.
Christe audi nos:	Cristo, ouvi-nos.
Christe exaudi nos:	Cristo, atendei-nos.
Pater de Caelis Deus, miserere nobis:	Deus, Pai dos céus, tende piedade de nós.
Fili, Remptor mundi, Deus:	Deus Filho, Redentor do mundo,
Spiritus Sancte, Deus:	Deus Espírito Santo,
Sancta Trinitas, unus Deus:	Santíssima Trindade, que sois um só Deus,
Santa Maria, ora pro nobis:	Santa Maria, rogai por nós.
Sancta Dei Genitrix:	Santa Mãe de Deus,
Santa Virgo virginum:	Santa, Virgem das virgens,
Mater Christi:	Mãe de Cristo,
Mater divinae gratiae:	Mãe da divina graça,
Mater puríssima:	Mãe puríssima,
Mater castíssima:	Mãe castíssima,
Mater inviolata:	Mãe imaculada,
Mater intemerata:	Mãe intacta,
Mater amabilis:	Mãe amável,
Mater admirabilis:	Mãe admirável,
Mater boni consilii:	Mãe do bom conselho,
Mater creatoris:	Mãe do Criador,
Mater Salvatoris:	Mãe do Salvador,
Virgo prudentíssima:	Virgem prudentíssima,
Virgo veneranda:	Virgem venerável,
Virgo praedicanda:	Virgem louvável,
Virgo potens:	Virgem poderosa,
Virgo clemens:	Virgem benigna,
Virgo fidelis:	Virgem fiel,
Speculum justitiae:	Espelho da justiça,
Sedes sapientiae:	Sede da sabedoria,
Causa nostrae laetitiae:	Causa de nossa alegria,
Vas spirituale:	Vaso espiritual,
Vas honorabile:	Vaso honorífico,
Vas insigne devotionis:	Vaso insigne de devoção,
Rosa mystica:	Rosa mística,
Turris davídica:	Torre de Davi,
Turris eburnea:	Torre de marfim,
Domus aurea:	Casa de ouro,
Foederis arca:	Arca da aliança,

Janua caeli:	Porta do céu,
Stella matutina:	Estrela da manhã,
Salus infirmorum:	Saúde dos enfermos,
Refugium peccatorum:	Refúgio dos pecadores,
Consolatrix afflictorum:	Consoladora dos aflitos,
Auxilium christianorum:	Auxílio dos cristãos,
Regina angelorum:	Rainha dos anjos,
Regina patriarcharum:	Rainha dos patriarcas,
Regina prophetarum:	Rainha dos profetas,
Regina apostolorum:	Rainha dos apóstolos,
Regina martyrum:	Rainha dos mártires,
Regina confessorum:	Rainha dos confessores,
Regina virginum:	Rainha das virgens,
Regina sanctorum omnium:	Rainha de todos os santos,
Regina sine labe originali concepta:	Rainha concebida sem pecado original,
Regina in caelum assumpta:	Rainha assunta ao céu,
Regina sacratissimi Rosarii:	Rainha do Santo Rosário,
Regina pacis:	Rainha da paz,
Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, parce nobis, Domine:	Cordeiro de Deus que tirais os pecados do mundo, perdoai-nos, Senhor.
Agnus Dei, que tollis peccata mundi, exaudi nos, Domine:	Cordeiro de Deus que tirais os pecados do mundo, ouvi-nos, Senhor.
Agnus Dei, que tollis peccata mundi, miserere nobis:	Cordeiro de Deus que tirais os pecados do mundo, tende piedade de nós.
Ora pro nobis Sancta Dei Genitrix: Ut digni efficiamur promissionibus Christi:	Rogai por nós, Santa Mãe de Deus. Para que sejamos dignos das promessas de Cristo.”(Pequeno Catecismo da Doutrina

Cristã, páginas 119 a 122, Ed. Vera Cruz Ltda, 1ª Ed., 1974).

Esta ladainha, rezada freqüentemente na “Rede Vida”, é prova clara e irrefutável do mariolatrismo e do mariocentrismo do culto romano. Maria ocupa maior espaço e mais proeminência que a Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. Vejam mais *esta “Oração de Consagração a Nossa Senhora”*:

“ Ó Senhora Minha, ó minha Mãe! Eu me ofereço todo a vós; e em prova de minha devoção para convosco, vos consagro neste dia meus olhos, meus ouvidos, minha boca, meu coração, e inteiramente todo o meu ser. E como assim sou vosso, incomparável Mãe, guardai-me e defendei-me como coisa e propriedade vossa. Amém”.(Pequeno Catecismo da Doutrina Cristã, pág. 123)). Lembremo-nos da advertência de Jesus Cristo: “*Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele darás culto*”(Mt 4-10).

O biblicismo católico funciona como indumentária fantasiosa, cobrindo e enfeitando o seu imenso corpo mariolátrico.

VIII- ROMA SEMPER EADEM.

Roma continua a mesma, com as mesmas heresias, com o mesmo centralismo eclesiástico, com as mesmas pretensões de dominação, com o mesmo clericalismo, com a mesma iconolatria, a mesma santolatria, a mesma mariolatria. Agora, muito pior, porque faz todos os textos bíblicos que o protestantismo citava contra seus dogmas antibíblicos serem-lhe favoráveis pela a artimanha de substituir o cristocentrismo direto pelo indireto; isto é, o *Solus Christus* não é nada mais e nada menos que o Papa, seu legítimo representante do qual as Escrituras falam. E mais, a mariolatria virou verdadeira forma de cristocentrismo. Chamar o Papa de Pai é o mesmo que chamar Deus de Pai, pois ele encarna, segundo as pretensões de Roma, a pessoa de Cristo entre os homens. Hoje, presenciamos o *Espírito Santo no catolicismo carismático*, sob as bênçãos papais, negar a teolatria monolátrica do decálogo ao “*batizar*” idólatras genuflexados ao pés da Virgem e de seus ícones, do crucifixo, do “Cristo” transubstanciado e adorado na hóstia, concedendo-lhes os carismas corintianos da glossolalia, da profecia, da cura divina, das revelações e das visões carismáticas. E muitos “evangélicos” achegam-se a eles, admiram-nos, elogiam-lhes a “conversão”, simpatizam-se com eles. Não é mais comum ouvirmos “crentes” dizerem: A Igreja católica agora está pregando a Bíblia. Ouvir um padre é a mesma coisa que ouvir um pastor. Um “irmão carismático”, há tempos, me disse: “Os católicos carismáticos, louvado seja o Senhor, estão mais próximos de nós que os protestantes históricos. A Igreja Católica está vindo, os protestantes estão indo”. Em muitas áreas carismáticas os evangélicos pentecostais aproximam-se, por metodologias e por afinidades, dos católicos carismáticos, pois os fenômenos externos são idênticos e igualmente excitantes.

A VELHA IGREJA NO NOVO CATECISMO(*)

Pelo que ensina o *Catecismo da Igreja Católica*, documento que expressa o pensamento doutrinário-catequético da Igreja atual, o Vaticano II é a confirmação do romanismo tridentino, mas com os agravantes dos subterfúgios da linguagem e do biblicismo de conveniência. A bíblia é citada para deixar aos incautos evangélicos e aos fiéis fanatizados a impressão de que o catolicismo aceita tudo o que as Escrituras dizem, abrindo a guarda dos oponentes para negar, com seus dogmas hauridos na duvidosa fonte da tradição, a Bíblia como única regra de fé e norma de conduta. Vejam como fica o “*dito desdito*” sobre a idolatria do ecumênico “Catecismo da Igreja Católica”, um documento digno dos sofismas vaticanistas:

Dito: “A escritura lembra constantemente esta rejeição de “ídolos de ouro e prata, obras das mãos dos homens” os quais “têm boca e não falam, têm olhos e não vêem...” Esses ídolos vão tornam as pessoas vãs: “ Os que os fazem ficam como eles, todos aqueles que neles confiam”(Sl 115. 4,5,8). “O Deuteronômio explica: “Uma vez que nenhuma forma vistes no dia em que o Senhor vos falou no Horeb, do meio do fogo, não vos pervertais, fazendo para vós uma imagem esculpida em forma de ídolo...”(Dt 5. 15, 16)(Catecismo da Igreja Católica(Vaticano II), 7ª Ed., 1997, § 2.112, pág. 485 e § 2.129, pág. 488).

Desdito: “No entanto, desde o Antigo Testamento Deus ordenou ou permitiu a instituição de imagens que conduziram simbolicamente à salvação através do Verbo encarnado, como são a serpente de bronze, a arca da Aliança e os querubins. Foi fundamentando-se no mistério do Verbo encarnado que o sétimo Concílio ecumênico, em Nicéia(em 787), justificou, contra os iconoclastas, o **culto dos ícones**(**negrito nosso**): os de Cristo, mas também os da Mãe de Deus, dos anjos e de todos os santos. Ao se encarnar, o Filho de Deus inaugurou uma nova “economia” de imagens”. “ O culto às imagens sagradas está fundamentado no mistério da Encarnação do Verbo de Deus. Não contraria o primeiro mandamento”(Obra citada, §§ 2.130, 2.131 e 2.141 cf §§ 1.159, 1.161, 1.162). O argumento é: Deus, ao tornar-se visível em Cristo pela encarnação, autorizou a idolatria. Vejam esta preciosidade iconológica: “Visto que o Verbo se fez carne assumindo uma verdadeira humanidade, o corpo de Cristo era delimitado. Em razão disto, o rosto humano de Jesus pode ser “representado”(Gl 3. 1). No VII Concílio Ecumênico(II Conc. De Nicéia, 787) a Igreja reconheceu como legítima quer ele seja representado em imagens sagradas”(§ 476). “ Ao mesmo tempo a Igreja sempre reconheceu que, no corpo de Jesus “Deus, que por natureza é invisível, se tornou visível aos nossos olhos”(II Conc. De Nicéia). Com efeito, as particularidades individuais do corpo de Cristo exprimem a pessoa divina do Filho de Deus. Este fez seus os traços de seu corpo humano, a ponto de que, pintados em uma imagem sagrada, podem ser venerados, pois o crente que venera a imagem dele “venera nela a pessoa que está pintada”(§ 477). O texto citado(Gl 3. 1), nada diz sobre “autorização” de feitura e veneração da imagem de Cristo. É desta maneira que os teólogos romanistas “justificam”, pela Bíblia, a sua imensa iconolatria, fazendo Deus afirmar uma doutrina no Velho Testamento e negá-la no Novo. A infalibilidade da palavra do magistério romano, quando fala em assunto de fé e de costumes, pode tornar a Palavra de Deus mutável e falível. A dogmática romana, *a posteriori*, vale-se da teologia bíblica com a pretensão de comprovar as heresias que ela mesma concebe, desenvolve como poderosa gestante e dá à luz em forma de robustos e permanentes dogmas. Afinal, a Bíblia condena ou não a idolatria? O Vaticano ecumênico, “pela Bíblia” responde que **sim**, para depois dogmatizar que **não**, confundindo símbolos, tipos e prefigurações como a Arca, a serpente e os querubins com ídolos(ver Cat. Ig. Cat., § 2.130). Jamais o povo de Deus prostrou-se, em culto icônico, diante dos referidos símbolos. O fato de a Segunda Pessoa trinitária tornar-se, pela encarnação, um de nós, com corpo físico semelhante ao nosso, em nada altera o interdito decalagal, que proíbe a feitura de ícone de seres inanimados e animados, vegetais e animais, humanos e angélicos: “Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra”(Ex 20. 4 cf Dt 4. 15- 19). Mesmo que nos merecesse crédito a imagem de Cristo extraída das difusas sombras do “Santo Sudário”, não poderíamos transformá-la em ídolo, transferindo a adoração da pessoa do Salvador, espiritualmente presente conosco, para sua figura pintada ou esculpida. O “retrato sudário” de Jesus, se incontestavelmente verdadeiro, seria, certamente, importante testemunho histórico de sua existência terrena, mas nunca uma *reliquia sagrada*, jamais um *ícone* diante do qual se genuflexaria a Igreja no chamado “culto de intenção”, ou de “representação”. O Espírito Santo habita cada regenerado, estabelecendo nele a necessária compreensão de Deus e de sua Palavra e, principalmente, a verdadeira “adoração em espírito e em verdade”. Cristo vivo, habitante

entre nós, sim; figuração icônica do Redentor, absolutamente, não, pois Deus desautoriza categoricamente a adoração ou veneração de imagens ou por meio delas.

É o velho princípio: “*Estamos com todos para estarmos com tudo*”.

O *Catecismo da Igreja Católica*, norma dos catecismos regionais, em virtude da jesuítica didática de catequese, é cauteloso na exposição dos dogmas e maleável na linguagem; evita as contundências e a confrontação direta com os opositores doutrinários, amenizando o rigor apologético do contra-reformismo tridentino. Apesar da metodologia de ocupação de espaço e conquista de simpatias e simpatizantes, o *Catecismo do Vaticano II*, de disfarces em disfarces, de sofismas em sofismas, de ambigüidades em ambigüidades, reafirma todos os dogmas rejeitados pelos reformados. Eis alguns:

SOBRE A IGREJA

Exclusividade romana: A Igreja de Cristo, para o catolicismo, não é a soma de todos os redimidos, é a de todos os católicos romanos, pois o romanismo é o único depositário da fé(depositum fidei). Fora dele não há salvação(*Catecismo da Igreja Católica*, 7ª Ed., 1997, §§ 84, 182, 168, 169, 172, 795, 796, 830, 846, 869, 870, 880). Vejam estas pérolas do colar doutrinário da “Santa Madre”:

a- “*O decreto sobre Ecumenismo, do Concílio Vaticano II, explicita: “ Pois somente através da Igreja Católica de Cristo, auxílio geral de salvação, pode ser atingida toda plenitude dos meios de salvação. Cremos que o Senhor confiou todos os bens do Novo Testamento ao único Colégio Apostólico, à cuja cabeça está Pedro, a fim de constituir na terra um só Corpo de Cristo, ao qual é necessário que se incorporem plenamente todos os que, de alguma forma, já pertencem ao Povo de Deus”*(*Cat. da Ig. Cat.*, § 816).

b- “*A única Igreja de Cristo, que no Símbolo confessamos una, santa, católica e apostólica, ... subsiste na Igreja Católica, governada pelo sucessor de Pedro e pelos bispos em comunhão com ele, embora fora da sua estrutura visível se encontrem numerosos elementos de santificação e de verdade”*(§ 870).

O romanismo prega **adesão** com o nome de **união**. É o ecumenismo da catequese, não da unidade fraternal. Relacionar-se com a Igreja Católica significa aderir-se a ela.

SOBRE O PAPA

Papa, sucessor de Pedro. “*A Igreja é apostólica: está constituída sobre fundamentos duradouros: “os doze apóstolos do Cordeiro”*(*Ap 21. 14*); *ela é indestrutível, é infalivelmente mantida na verdade: Cristo a governa através de Pedro e dos demais apóstolos, presentes nos seus sucessores, o Papa e o colégio dos Bispos”*(*Cat. da Ig. Cat.*, § 869).

“ *O Papa, Bispo de Roma e sucessor de S. Pedro, “é o perpétuo e visível princípio e fundamento da unidade, quer dos Bispos quer da multidão dos fiéis”*. *Com efeito, o Pontífice Romano, em virtude do seu múnus de Vigário de Cristo e de Pastor de toda a Igreja, possui na Igreja poder pleno, supremo e universal. E ele pode sempre livremente exercer este poder”*(*Idem*, § 882).

Você, evangélico ecumênico, acredita sinceramente que Pedro e Cristo estão presentes na pessoa do Papa? O catolicismo, na verdade e na prática, não é primariamente o povo de Cristo, mas de Maria e do Papa. Sendo a Virgem mãe da Igreja, todos os fiéis lhe são filhos. Por outro lado, a palavra papa significa pai. O Papa, portanto, é o pai dos católicos. Um apresentador da Rede Vida gosta do lema: “Rede Vida, um canal da família

do Papa”. Cristo, porém, nos adverte:” *A ninguém sobre a terra chameis vosso pai; porque só um é vosso Pai, aquele que está no céu*” (Mt 23. 9). Cristo fala da paternidade, ou maternidade, espiritual, a mesma atribuída ao Papa e à Virgem.

Papa infalível: “*O Magistério ordinário e universal do Papa e dos bispos em comunhão com ele ensina aos fiéis a verdade que se deve crer, a caridade que se deve praticar, a felicidade que se deve esperar.*”

O grau supremo da participação na autoridade de Cristo é assegurada pelo carisma da infalibilidade. Esta tem a mesma extensão que o depósito da revelação divina; estende-se ainda a todos os elementos de doutrina, incluindo a moral, sem os quais as verdades salutares da fé não podem ser preservadas, expostas ou observadas” (Cat. Ig. Cat., §§ 2.034, 2035 cf § 890).

Nós, reformados autênticos, rejeitamos, para a glória de Deus, o único infalível, o tal “carisma da infalibilidade” papal bem como a sua pretensão de ser o Vigário de Cristo.

Papa e Clero, representantes de Cristo: “*No serviço eclesial do ministro ordenado, é o próprio Cristo que está presente à sua Igreja enquanto Cabeça de seu Corpo*”. “ *Em virtude do sacramento da Ordem, Age *(o sacerdote ordenado) “ in Christi Capitis”* (na pessoa de Cristo-Cabeça).” “*Por causa da consagração sacerdotal que recebeu, goza do poder de agir pela força do próprio Cristo que representa(“ virtute ac persona ipsius Christi”)*. “*Segundo a bela expressão de S. Inácio de Antioquia, o Bispo é “typos tou Patros”, como que a imagem viva de Deus Pai*” (Cat. Ig. Cat., §§ 1.548, 1.549). * Parênteses nossos.

Quem ouve um sacerdote romano, ouve o próprio Cristo. Pode um evangélico, que aceita as Escrituras como única Palavra de Deus, norma de fé e conduta, concordar com tal usurpação de poder, de autoridade e de múnus verbal e sacramental?

SOBRE AS IMAGENS.

“*A iconografia cristã transcreve pela imagem a mensagem evangélica que a Sagrada Escritura transmite pela palavra. Imagem e palavra iluminam-se mutuamente*” (Cat. Ig. Cat., § 1.160). “ *As santas imagens, presentes em nossas igrejas e em nossas casas, destinam-se a despertar e a alimentar a nossa fé no mistério de Cristo. Através do ícone de Cristo e das suas obras salvíficas, é a ele que adoramos. Através das santas imagens da santa Mãe de Deus, dos anjos e dos santos, veneramos as pessoas nelas representadas*” (Cat. Ig. Cat., §§ 1.160 e 1.191).

Há incautos reformados que ainda dizem: “A Igreja Católica está eliminando as imagens”. Não está. A adoração de “santos e santas”, criaturas, iconificados ou não, é ofensa a Deus, o único que requer e merece a adoração dos eleitos. Observem o argumento absurdo com que os vaticanistas justificam a feitura, consagração e adoração de imagens:

“*Antigamente Deus, que não tem corpo e nem aparência, não podia em absoluto ser representado por uma imagem. Mas agora, que se mostrou na carne e viveu com os homens, posso fazer uma imagem daquilo que vi de Deus.*” “*A beleza e a cor das imagens estimulam a minha oração*” (Cat. Ig. Cat., §§ 1.159, 1.162).

A ingenuidade dos crédulos fá-los acreditar em semelhantes aberrações. O magistério sacerdotal romano não tem a mínima consideração pela unidade, santidade, coerência e consensualidade da revelação bíblica do Velho e do Novo Testamentos. A

palavra de Deus é uma só, para os evangélicos, em ambos testamentos. Não há como comungarmos com a “mãe e mestra” da idolatria.

SOBRE A VIRGEM MARIA.

O *Catecismo da Igreja Católica* mantém, reaviva e intensifica a mariolatria. Todos os dogmas marianos estão nele fanaticamente sustentados:

Imaculada Conceição de Maria (§§ 490, 491, 492, 493): Maria concebida sem pecado original e preservada dos pecados atuais. Não foi um ser humano normal.

Perpétua virgindade de Maria (§§ 449, 510): Maria foi virgem antes da concepção e permaneceu virgem durante e depois do parto. Seus “outros filhos” não são filhos, são primos. Nós, protestantes, acreditamos que ela teve outros filhos, a não ser que neguemos a declaração direta dos textos bíblicos para ficarmos com o apriorismo da “possibilidade”, como faz o romanismo. Além do mais, exaltamos, com as Escrituras, a maternidade, ordenada e santa, como ideal feminino e da raça, e não a virgindade.

Assunção de Maria (§§ 966, 974): Maria subiu corporalmente para o céu, onde se encontra com o Pai, o Filho, o Espírito Santo, os anjos e os santos.

Maria corredentora: *Maria se tornou Mãe de Jesus e, abraçando de todo o coração, sem que nenhum pecado a retivesse, a vontade divina da salvação, entregou-se ela mesma totalmente à pessoa e à obra de seu Filho, para servir, na dependência dele e com ele, pela graça de Deus, ao Ministério da Redenção*”(negrito nosso) (§ 494).

Maria Medianeira e intercessora: “*Assunta aos céus, não abandonou este múnus salvífico, mas por sua múltipla intercessão prossegue em granjear-nos os dons da salvação eterna.(...) Por isso, a bem-aventurada Virgem Maria é invocada na Igreja sob os títulos de advogada, auxiliadora, protetora, medianeira*” (§ 969 cf 618). O católico reza, na *Ladainha de Nossa Senhora*: “Santa Maria, rogai por nós”. “Rogai por nós, Santa Mãe de Deus”. Na mesma reza ela é invocada como “Mãe da divina graça” e “Refúgio dos pecadores”.

A Palavra de Deus é indiscutivelmente explícita: “*Há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem*”(I Tm 2.5).

SOBRE A EUCARISTIA

Transubstanciação eucarística: “*No Santíssimo Sacramento da Eucaristia estão contidos verdadeiramente, realmente e substancialmente o Corpo e o Sangue juntamente com a alma e a divindade de Nossos Senhor Jesus Cristo e, por conseguinte, o Cristo todo*”(§ 1.374 cf 1.375, 1.376 cf 1..322 a 1.419). Sem comentário.

O Culto Eucarístico: “*O Culto da Eucaristia. Na liturgia da Missa, exprimimos a nossa fé na presença real de Cristo sob as espécies do pão e do vinho, entre outras coisas, dobrando os joelhos, ou inclinando-nos profundamente em sinal de adoração do Senhor. “A Igreja Católica professou e professa este culto de adoração que é devido ao Sacramento Eucarístico não somente durante a Missa, mas também fora da celebração dela, conservando com o máximo cuidado as hóstias consagradas, expondo-as aos fiéis para que as venerem com solenidade, levando-as em procissão*”(§ 1.378 cf 1.379, 1.380, 1.381 cf 1.181).

A eucaristolatria, adoração de elementos materiais transubstanciados em Cristo, além da condenação escriturística, ofende o Verbo encarnado, vivo e espiritualmente presente conosco. É muito triste ver Jesus, estando presente no seio de seu povo e

habitando, pelo Espírito Santo, o interior do regenerado eleito, sendo adorado e deglutido em pedaços de pão e em porções de vinho. Foi realmente longe demais a hermenêutica eucarística neotestamentária do romanismo.

SOBRE O PURGATÓRIO.

Não pensem que o Purgatório é um dogma morto: está tão vivo na igreja atual como esteve na medieval. Ouçamos o *Catecismo da Igreja Católica*:

“Os que morrem na graça e na amizade de Deus, mas não estão completamente purificados, embora tenham garantida a sua salvação eterna, passam, após sua morte, por uma purificação, a fim de obterem a santidade necessária para entrarem na alegria do céu.

*A Igreja denomina **Purgatório** esta purificação final dos eleitos, que é completamente distinta do castigo dos ordenados. A Igreja formulou a doutrina da fé relativa ao Purgatório sobretudo no Concílio de Florença e de Trento, fazendo referências a certos textos da Escritura(I Co 3. 15; I Pe 1.7). A Tradição da Igreja fala de um fogo purificador”*

“ Este ensinamento apóia-se também na prática da oração pelos defuntos, da qual já a Sagrada Escritura fala: “Eis por que ele[Judas Macabeu] mandou oferecer esse sacrifício expiatório pelos que haviam morrido, a fim de que fossem absolvidos do seu pecado”(II Mc 12.46). Desde os primeiros tempos, a Igreja honrou a memória dos defuntos e ofereceu sufrágios em seu favor, em especial o sacrifício eucarístico, a fim de que, purificados, eles possam chegar à visão beatífica de Deus. A Igreja recomenda também as esmolas, as indulgências e as obras de penitência em favor dos defuntos” (§§ 1.031, 1.032 cf 1.472). Não foi sem motivo que Trento canonizou os livros apócrifos e os chama: “Sagrada Escritura”.

A Igreja Católica fala muito, indevidamente, de graça, mas a sua dogmática salvífica baseia a *salvação* nos méritos e nas boas obras, e a *remissão de pecados* na penitência e nos castigos presentes e futuros. O sacerdócio católico “livra” seus mortos(falecidos com pecados veniais, sujeitos a penas temporais) do estado purgatorial por meio de orações, missas, esmolas, indulgências e obras penitenciais((§1.032) a favor deles. É a nossa velha conhecida e repudiada: *Intercessão em favor dos mortos*. A doutrina do purgatório é um dos maiores absurdos doutrinários do romanismo.

SOBRE O TESOURO DA IGREJA E AS INDULGÊNCIAS

Em benefício dos mortos no Purgatório está também o *tesouro da Igreja*, que são bens espirituais da comunhão dos santos ou depósito celeste das obras meritórias de Cristo, da Virgem e dos santos de que se vale o ministério mediatório e intercessor da Igreja para quitar os débitos das purgandas almas e introduzi-las nos céus(consultar Cat. Ig. Cat., §§ 1.473, 1.474, 1.475, 1.476, 1.477). Sobre as indulgências, assim se expressa o atual romanismo pelo seu autorizado Catecismo:

“A indulgência é a remissão, diante de Deus, da pena temporal devida pelos pecados já perdoados quanto à culpa, que o fiel bem disposto obtém em certas condições determinadas, pela intervenção da Igreja que, como dispensadora da redenção, distribui e aplica por sua autoridade o tesouro das satisfações de Cristo e dos santos”. “A indulgência é parcial ou plenária, conforme liberar parcial ou totalmente da pena devida pelos pecados”. As indulgências podem aplicar-se aos vivos e aos defuntos”(§ 1. 471).

Os “felizes” protestantes ecumênicos passaram, certamente, do “pecado capital” da rejeição para o venial ou temporal da aproximação, ficando sob o beneplácito das *indulgências da Santa Sé*.

SOBRE OS SACRAMENTOS

A Igreja Católica romana possui soteriologia e eclesiologia eminentemente sacramentalistas. Sem sacramento não há comunhão com a Igreja e não se viabiliza a redenção do pecador. Sua sacramentologia firma-se em sete sacramentos: Batismo, Confirmação, Eucaristia, Penitência, Unção dos Enfermos(Extrema-unção), Ordem e Matrimônio. Destes, o principal é o da Eucaristia, considerado “Sacramento dos Sacramentos”(§ 1, 211 in fine). O Vaticano II, pelo seu Catecismo, afirma que todos os seus sacramentos foram instituídos por Jesus:

“Os sacramentos da nova lei foram instituídos por Cristo e são sete...”(§ 1.210).

A Igreja não comprova bíblicamente, e nem precisa fazê-lo, os sacramentos da confirmação ou crisma, da penitência, da extrema unção, da ordem e do matrimônio, pois alimenta seu corpo dogmático com os nutrientes da tradição e do magistério ministerial do clero ordenado. Enquanto os evangélicos e reformados adotam apenas os sacramentos do Batismo e da Ceia do Senhor, indiscutivelmente bíblicos, o romanismo não somente acrescenta a estes cinco sacramentos, como transforma o lustre batismal e a comunhão eucarística em meios eliminadores de pecados e promotores de redenção(Ex opere operato).

SOBRE O BATISMO.

“Baptismus est sacramentum regenerationis per aquam in verbo- O Batismo é o sacramento da regeneração pela água na palavra”(§ 1.213, in fine).

O protestantismo nega a doutrina do poder regenerador do batismo e afirma: “Ele é o sinal visível, externo, da graça invisível, interna, dos regenerados”. Além do mais, consideramos a mistagogia batismal católica profundamente antibíblica. Eis os elementos rituais ou mistagógicos: Sinal-da-cruz, anúncio da palavra de Deus pertinente, um ou vários exorcismos(no pressuposto de que todos os seres humanos, antes do batismo romano, pertencem a satanás), unção com o santo óleo dos catecúmenos, compromisso de renúncia de satanás, confissão de fé da Igreja, água batismal(pré-consagrada ou consagrada na hora pelo sacerdote), batismo com triplo derramamento de água sobre a cabeça do batizando, unção com o santo óleo perfumado e consagrado pelo Bispo (antevisão crismática), veste branca, vela acesa, sal, saliva, padrinhos(Cat. Da Ig. Cat., §§ 1-229 a 1.284 cf “A Fé para Adultos- O Novo Catecismo”, Ed. Loyola, 1976, pág. 282 a 290). É, como se vê, um batismo muito paganizado.

Eucaristia: Já sabemos que os elementos, pão e vinho, no ato consagratório sacerdotal, transsubstanciam-se em verdadeiro Cristo, que o padre o bebe no vinho e o fiel leigo o ingere na hóstia. Cada hóstia é um Cristo pessoalizado e individualizado. O comungante, portanto, recebe e engole, na hóstia, o seu próprio Cristo, sacrificado incruentamente no altar romano em seu favor.

SOBRE AS REZAS

As rezas católicas são, na quase totalidade, intermináveis repetições anteriormente formuladas e ordenadas pelo magistério sacerdotal. Para que os fiéis não se percam, adotou-se o “**Santo Rosário**”, uma herança do paganismo oriental pré-cristão. Na *Ladainha de Nossa Senhora* a Virgem é invocada como **Rainha do Santo Rosário**(

Regina Sacratissimi Rosarii), deixando claro que o Rosário, na liturgia romana, não é só um sistema mnemônico, mas um dos mais populares ícones da Igreja. O Rosário é um colar de cento e cinquenta contas pequenas, correspondendo a cento e cinquenta Ave-marias, e mais quinze contas maiores relativas a quinze Pai-nossos. Está dividido em três seções chamadas *Terços*. Os terços estão divididos em cinco seções de dez, com cinco intervalos ocupados, cada um, por uma pedra grande, correspondendo a um Pai-nosso e meditação sobre um mistério. Durante todo o Rosário, o fiel católico é levado a meditar sobre três grupos de mistérios:

Mistérios alegres: *Anunciação, Visitação, Natividade, Apresentação, Encontro no Templo.*

Mistérios Tristes: *Agonia no Getsêmani, Açoites, Coroa de Espinhos, Transporte da Cruz, Crucificação.*

Mistérios Gloriosos: *Ressurreição, Ascensão, Descida do Espírito Santo, Assunção da Virgem, Coroação de Maria.*

O Rosário só tem valor depois de abençoado pelo sacerdote. Obrigatoriamente está na mão de cada católico. Enquanto o protestante conduz, para o culto, o volume das Escrituras, o católico leva o Rosário e o Missal. Na cabeceira da cama de um evangélico vê-se, sistematicamente, a Bíblia aberta; na do bom católico nota-se, invariavelmente, um Rosário. Não vejo viabilidade de acordo ecumênico entre um “bibliocêntrico” e um “rosariolátrico”; entre o que ora a oração da fé pessoal sob a iluminação do Espírito, e o que ora a oração maquinal da Igreja; entre o que suplica sem vãs repetições e o que repete rezas e jaculatórias, à semelhança de gentios pagãos (Mt 6. 7).

SOBRE O MATRIMÔNIO.

O matrimônio na Igreja Católica é um *sacramento* e, como tal, indissolúvel. A separação de marido e mulher, mesmo a legalmente processada, não quebra o vínculo sacramental. Na verdade, *indissolúvel* é o *sacramento*, que continua intacto na situação de cônjuges separados, lares dissolvidos (§§ 1.646 a 1.651 cf 1. 628 a 1640 e 1.659 a 1.666). Além do mais, o *sacramento matrimonial* está ligado e até vinculado ao da Eucaristia como todos os demais (§ 1.621). Conforme o dogma sacramental do matrimônio, não pode haver “casamento ecumênico”, isto é, realizado por dois celebrantes, um padre e um pastor, pois o sacerdote romano, pelo sacramento da Ordem, gera o sacramento do matrimônio, enquanto o ministro protestante realiza “bênção matrimonial” que, diante da força sacramental, não tem valor algum. O que fica realmente valendo é o que o padre ministrou. É uma situação de ridícula inferioridade do pastor. Deve-se acrescentar ainda que os casamentos romanos, em decorrência do liame sacramental, efetivam-se nas missas para que os noivos, que estão sendo sacramentados matrimonialmente, sacramentem-se também, e principalmente, com a eucaristia, tomando a Hóstia. Nenhum papel tem, e nem pode ter, o pastor numa realização sacramental de casamento.

Há pastores que, imitando o sacramentalismo matrimonial romano, ministram a Santa Ceia a nubentes, esquecendo-se de que a eucaristia na teologia reformada é uma refeição simbólica comunitária, não o Cristo eucarístico romano, ministrado individualmente, e depois de cumpridos os deveres do sacramento da penitência. A Ceia do Senhor, nas igrejas protestantes, ressalta o conceito comunitário e reavida e revitaliza o espírito de união fraternal em Cristo Jesus. Não há paralelo entre o “pão que partimos

entre nós” e a Hóstia, Cristo transubstanciado, que o padre entrega aos seus comungantes, após a penitência e o perdão sacerdotal. Não podemos e não devemos individualizar a Santa Ceia ou, pior, transformá-la em alfaia de festejos nupciais.

Os outros sacramentos, por desvinculação completa das Escrituras, na forma e no conteúdo, não merecem considerações.

SOBRE A SOTERIOLOGIA ROMANA

A Igreja católica, a que aparece na mídia, reproduz, como jargão catequético, a missiológica proclamação do neocarismatismo: **Somente Cristo Salva, liberta, cura e batiza com o Espírito Santo**. A fé professada por ela e estabelecida em seus dogmas nenhuma relação possui com o que declara “evangelisticamente”. O Cristo católico não é suficiente. Para salvar, ele precisa: a- Da Igreja, depositária da fé. b- Da mediação sacerdotal. c- Da intercessão da Virgem e dos santos. d- Das boas obras sociais, morais, religiosas e penitenciais de cada um. e- Do depósito celeste de obras super- rogatórias. f- De muitas confissões, penitências, comunhões e missas. Além do mais, o Salvador do romanismo não é o Cristo vivo, pessoal e espiritualmente presente, mas o eucarístico, imolado incuenta e repetidamente por sacerdotes em todos os altares do catolicismo universal. Sem o múnus transubstanciador da ordem sacerdotal o **Cristo eucarístico** não pode existir. O Cristo romano, portanto, é insuficiente, ineficiente e dependente. Nunca os primados da Reforma careceram mais de reafirmação: **Salvação somente por e em Cristo; justificação exclusivamente mediante a fé salvadora, dom de Deus; unicamente a Escritura como regra de fé e norma de conduta**. Se nada mudou; em nada mudaremos.

O que ficou dito até aqui, cremos, é suficiente para descartarmos, como fizemos no passado, qualquer relacionamento eclesiástico com o romanismo. Os motivos pelos quais dele nos separamos continuam inalteráveis. O catolicismo não deu um passo sequer em nossa direção. Qualquer passo que dermos em sua direção, implicará em negação de nossa eclesiologia, nosso “ordo salutis”, e implicará em “reconhecimento” de que o Vaticano sempre esteve certo, é nós erramos. Agora estamos “confessando”, ainda que factual e pragmaticamente, os “nossos erros”. Não me deixarei iludir pelo “biblicismo” romano e, não iludido, recuso-me a capitular.

Roma semper eadem- Roma sempre a mesma.

IDOLATRIA COMUM.

Carismáticos evangélicos e católicos assemelham-se, identificam-se, permutam experiências “no Espírito”, participam dos mesmos fenômenos “espirituais”, independentemente da idolatria comum, herança romana, por um lado, e “conquista” do carismatismo evangélico moderno por outro. No romanismo: os ícones de santos, da hóstia, da cruz, das relíquias. No carismatismo hodierno, especialmente no prosperista: Objetos impregnados de poderes espirituais, figuras mânticas “protetoras” e “curadoras” como sal bento, água benta, alimentos bentos, roupas bentas. O carismatismo romano leva ligeira vantagem sobre o evangélico, pois nele o “capetismo” é menos acentuado. Lá ainda não se desenvolveu o processo mântico de se “amarrar” o Demônio, provocando a “libertação” de regiões, cidades, casas e indivíduos.

RELAÇÕES COM A IGREJA CATÓLICA.

Sobre as relações com a Igreja Católica, que devem ser sociais e até, em algumas áreas, fraternais, precisamos ter em mente:

a- O romanismo não mudou a essência; trocou apenas a roupagem. Agora, mais do que nunca, lobo na pele de cordeiro. A Santa Sé abandonou o faro canino e a ferocidade leonina da inquisição para transformar-se em hábil pescadora em fontes alheias com iscas artificiais, mas muito atraentes e convincentes por se assemelharem a petiscos reais.

b- Devemos, como civilizados e cristãos, evitar tanto as convergências como as divergências, mantendo sempre a prudência, a tolerância e o espírito democrático. Toda ação produz reação igual e contrária. Mudaram a tática? Mudemos a reação não somente para não perdermos terreno, mas também, e principalmente, ganharmos espaço e atrairmos as almas insatisfeitas do romanismo.

c- Sustentar e viver os velhos princípios da Reforma: Salvação exclusivamente em Cristo; as Escrituras aceitas como única regra de fé e norma de conduta; a justificação somente pela fé; o sacerdócio universal de todos os crentes; Cristo, nosso único Mediador; autoridade máxima em revelação e ensino; as Escrituras Sagradas.

d- O fato de termos alguns objetivos comuns não significa que somos iguais. Por exemplo, a Igreja romana é contra a dissolubilidade do matrimônio: nós também. Ela, por questões sacramentais; nós, por questão doutrinária e moral. Ela é contra o aborto porque entende que o fim último da relação sexual é a geração de filhos: nós também, mas por sermos contra a sexualidade promíscua, concupiscente e irresponsável. Quem comete o pecado do sexo irresponsável deve assumir o risco da gravidez; mesmo que a gravidez seja decorrente de estupro, não temos o direito de penalizar o inocente, cometendo infanticídio. A Igreja deve cuidar da grávida, vítima de estupro, e criar o filho: jamais ser conivente com o crime, apoiar o assassinato ou concordar com a pena de morte imposta ao inimputável. Ela é contra a união jurídica de homossexuais, tão ardentemente defendida por dona Marta Suplicy; nós também, não porque tal aberração ofenda um sacramento, mas porque desrespeita as Escrituras e agride a moralidade cristã. Nestas e noutras lutas combatemos lado a lado na imprensa falada, escrita e televisiva, nas tribunas e nos parlamentos.

e- A teologia romana quase nada tem de comum com a reformada, e o seu culto idolátrico, santolátrico, crucilátrico, hostiolátrico e mariolátrico é a negação cabal da adoração evangélica em espírito e em verdade. Reconhecemos, no entanto, haver no romanismo sinais do cristianismo bíblico, que nele preservam, mesmo precariamente, similaridades com os reformados e evangélicos. Algumas pedras preciosas, sob os cascalhos da dogmática, da tradição e do magistério sacerdotal, destacam-se: e.1- **Manutenção das Escrituras**, embora niveladas com a tradição e o magistério da Igreja e acrescidas de livros apócrifos. As atuais “Bíblias católicas” são de boa qualidade literária e fidelidade textual aos originais. Tem havido uso comum, entre reformados e romanistas, de bíblias católicas e protestantes: abertura observável depois do Vaticano II. e. 2- **O Batismo como rito de iniciação na Igreja**, menos a tese do “ex opere operato”, a doutrina da purificação batismal, a inclusão, no ritual, de coisas estranhas ao batismo bíblico: Sinal da Cruz, velas, padrinhos, sal, óleo e saliva. e. 3- **Santa Ceia**. Não concordamos com a separação dos elementos, pão e vinho, e muito menos com a doutrina da transubstanciação. e. 4- **A Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo**. Nesta doutrina não há

divergências profundas. e. 5- **A Pessoa de Cristo.** Católicos e protestantes afirmam que Cristo foi e é, ao mesmo tempo e na mesma pessoa: *Verdadeiro Deus e verdadeiro homem.* e. 6- **Escatologia.** A escatologia católico aproxima-se da reformada. Todos esperamos a volta de Cristo, a ressurreição dos mortos, o juízo final, a glorificação dos santos, liquidação de Satanás. e.7- **O Credo dos Apóstolos** é adotado, sem alterações, por ambos os ramos do cristianismo, mas a interpretação católica iguala a *fé na Igreja* à fé no Pai, no Filho e no Espírito Santo. Para nós, a fé em Deus é confessional e salvadora, a na Igreja é somente confessional.

f- Herança comum: a- Bebemos nas mesmas fontes históricas. Os reformados interpretam-nas à luz das Escrituras; os católicos lhes dão autoridades dogmáticas. b- Respeitamos também as decisões dos primeiros concílios da Igreja. c- Alguns antepassados, elevados à condição de “ santos católicos”, como Abelardo, Anselmo e Agostinho, são relevantes na formulação de nosso corpo doutrinário, disciplinar e litúrgico.

g- O liberalismo teológico e moral aproxima-se do romanismo contemporâneo. O carismatismo, em muitas áreas, namora o pentecostismo católico, enxergando nele uma “volta às Escrituras”. A Igreja Presbiteriana, porém, reformada e mantenedora da reforma, continua sobre suas bases originais e delas não se afastará. Somos e devemos ser *radicais* na conservação dos princípios reformados e *tolerantes, respeitosos e amorosos* no convívio com os católicos e não-católicos. Os teólogos católicos entendem que há “sementes do Verbo” nos arraiais protestantes; nós cremos, por outro lado, que pode haver eleitos de Deus no universo romano, “sementes” da *Igreja invisível* de que fala Calvino(Ver Institutas, Vol. IV, cap. I, 7 CF cap. II, 12). Não duvidamos do que afirma, no epílogo do livro “A Bíblia e o Catolicismo Romano, o Rev. Ernest Weller: “No grêmio da Igreja Católica Romana há muitas pessoas bem intencionadas e de que, muitas delas, estão verdadeiramente salvas, e são sinceras seguidoras de Jesus Cristo”(Obra citada, Dreyer e Weller, tradução de Sabatini Lalli, Casa Ed. Evangélica Ltda, RJ, pág. 211). Nem tudo no romanismo é antibíblico; um pequeno remanescente existe.

h- O tempo das polêmicas já passou, mas a Igreja protestante deve continuar pregando e ensinando contra o pecado de quaisquer naturezas e contra as heresias: do purgatório, da transubstanciação, da idolatria, das missas pelos mortos, da intercessão dos santos, da salvação pelas obras, da insuficiência das Escrituras, do clericalismo mediatorial, da tradição e do magistério clerical concorrentes com as Escrituras em matéria revelacional, da mariolatria, das aparições de Maria, da infalibilidade papal e tantas outras.

i- Sem agressões verbais, mas com firmeza, convicção e amor, continuemos a pregação pura do Evangelho de Cristo, inclusive aos membros da Igreja Católica Apostólica Romana. Se a interpretação da Bíblia pela Bíblia, feita de modo sincero, sereno e respeitoso, significa “falar mal do romanismo”; então falemos mal dele.

(*) Catecismo da Igreja Católica, tradução revista, 7ª Ed., 1997, Editado em português por: Editora Vozes, Edições Paulinas, Edições Loyola e Editora Ave-Maria. A obra traz o prefácio sancionador e autoritativo do Papa João Paulo II, com data de 11 de outubro de 1992.

